

**IX SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
22-24/Agosto - 2001**

**A Síndrome da *Cadela Rosada***

*Sílvia Maria Guerra Anastácio*

Prof.<sup>a</sup> do Departamento de Línguas Germânicas/Universidade Federal da Bahia

*Isaías Francisco de Carvalho*

Bacharel em Letras, Bolsista PIBIC/CNPq/Universidade Federal da Bahia

**RESUMO:** O fascínio de Elizabeth Bishop pelos espaços brasileiros privilegia no poema *Pink Dog* ou *Cadela Rosada*, a cidade do Rio de Janeiro durante o carnaval, retratando uma época de grande conturbação social e política, a década de 60. O objetivo do trabalho é destacar como a imagem-chave de *Pink Dog*, a figura de uma fêmea marginalizada pela sociedade, vai sendo construída e articulada com o seu contexto de modo a traduzir as impressões ficcionalizadas pelo temperamento artístico de Elizabeth Bishop.

**ABSTRACT:** Elizabeth Bishop's fascination for Brazil makes her bring to focus in the poem *Pink Dog*, the city of Rio de Janeiro, during Carnival, in the sixties. That was a stage of deep political and social conflict. The aim of this work is to observe how the key image of *Pink Dog*, a bitch marginalized by society, is built by the poet and inserted in such a context so as to embody the impressions fictionalized by Bishop.

## INTRODUÇÃO

Ao resgatar a situação da mulher dentro das fronteiras enunciativas a fim de torná-la visível e presente, o feminismo tem denunciado a natureza patriarcal de uma sociedade injusta, estranhamente fundamentada na divisão de gêneros. O discurso feminista tem buscado abalar, especialmente, preconceitos relacionados aos espaços tradicionalmente ocupados pelas mulheres, já que lhes caberia transitar pelo domínio privado, doméstico, enquanto os homens deveriam manter as rédeas do espaço público. Entretanto, esses limites espaciais se têm tornado cada vez mais tênues, na medida em que tais fronteiras se diluem, obscurecidas e redesenhadas pela moderna tecnologia de um mundo global.

Neste trabalho, centrado no poema *Pink Dog* ou *Cadela Rosada*, da poeta americana Elizabeth Bishop (1911-1979), questiona-se novamente a visibilidade feminina. Vem à baila, então, a condição da mulher, marginalizada e alienada numa sociedade em que uma voz mais forte que a dela não permite que esta presença se insinue. Mas a voz poética questiona, então, aquele signo da identidade feminina, numa dialética em que fantasia e realidade parecem subverter as expectativas sociais vigentes.

O recorte sobre o qual traçamos a nossa análise é composto pelos documentos de processo relativos à escritura do poema *Pink Dog*. O dossiê mencionado inclui fragmentos trabalhados e rascunhos do poema, totalizando três fragmentos escritos à mão e seis rascunhos datilografados ou *drafts*; fazem, ainda, parte dele extratos da correspondência de Bishop considerados relevantes para a escritura do poema estudado, pois além de mencionar o processo de criação da autora, a sua correspondência emoldura todo um contexto sócio-político, que serviu de pano de fundo para o poema.

O lastro metodológico fica por conta da Crítica Genética, uma disciplina que nos ensina a lidar com os documentos de gênese, com os manuscritos de uma obra em devir. Quanto ao referencial teórico, o trabalho se fundamenta na fenomenologia da percepção proposta pelo semioticista americano Charles Sanders Peirce (1839-1914), que identifica três categorias básicas de leitura do mundo.

A categoria de primeiridade corresponde ao nível das sensações, dos sentimentos, da pura qualidade, das impressões meio vagas, que se impõem sobre a mente de modo fugaz, e que no percurso criativo se associam, de certo modo, às imagens geradoras do poema. As imagens poéticas, como as metáforas, e também, os diagramas são signos que se enquadram na primeiridade; são signos icônicos (do grego *eikón*, imagem), que expressam uma similaridade com o real, uma semelhança entre o signo e o objeto representado. Para Peirce, a única maneira de se comunicar diretamente uma idéia é por intermédio de um ícone, e para ele, a comunicação impressa resulta “de um trabalho intensamente icônico. Toda asserção requer um ícone ou conjunto de ícones” (Valente, 1999: 99).

A segunda categoria de Peirce indica o esforço feito pela mente para entender o fenômeno observado, e no caso do artista, é o momento do próprio embate do criador com a matéria que atrai a sua atenção e lhe causa um certo impacto, ao buscar dar-lhe forma, sentido. Como o ícone, o signo dominante da primeira categoria, nem sempre é claramente apreendido num átimo de segundo, ele precisa ser elaborado, retomado em uma segunda articulação, em um segundo momento, quando marcas, vestígios, indícios do fenômeno captado prendem a nossa atenção.

Finalmente, a terceiridade, que é o nível do domínio racional, da reflexão, das leis, das convenções, enfim, da representação da realidade; o signo de terceiridade é, por excelência, simbólico. Não só as palavras, mas também o texto em si é considerado

simbólico “no sentido peirceano, de busca de rompimento da entropia (...). Da procura insaciável da inteligibilidade da Terceira categoria” (Ibidem 101). Em suma, a terceira instância propõe uma síntese, um clarear de propósitos, uma solução, nem que seja provisória, para o impasse proposto. Neste trabalho, o impasse que observamos é o que está implicado no percurso criativo, incluindo as dificuldades que o criador tem de enfrentar para atingir a sua meta.

Buscamos apontar essas categorias fenomenológicas nas trilhas dos manuscritos poéticos de Bishop, mais especificamente, no prototexto ou pré-texto do poema *Pink Dog*. O nosso objetivo é visualizar melhor tal trajetória, na busca de traçar uma morfologia dessa criação, mesmo sabendo que conseguiremos apenas aproximações; sabemos que se trata de um processo complexo que, na sua plenitude, escapa até mesmo à consciência do próprio criador. Temos, também, ciência de que as categorias fenomenológicas mencionadas serão tomadas separadamente para efeito de análise, mas em realidade, elas se interconectam, se sobrepõem. Apesar de observarmos a predominância de uma carga emocional associada à primeiridade, de um esforço muscular ou mesmo energético ligado à secundidade, e de um enfoque mental à terceiridade, há todo um imbricamento das categorias, que se vai resolvendo no nível da terceiridade.

## 1. A transmutação de espaços geográficos em textos poéticos

Os primeiros rascunhos do poema *Pink Dog*, traduzido por Paulo Henrique Britto como *Cadela Rosada*, datam de 1959. Publicado muitos anos depois, em 1979, já os seus primeiros rascunhos fazem referência a cenas transcorridas no início da década de 60, durante o carnaval do Rio de Janeiro, palco de uma conturbada tragédia social. A época retratada é o governo de Carlos Lacerda, político empossado em 1961 no estado do Rio de Janeiro. Segue-se à sua posse, a renúncia de Jânio Quadros, quando ocorrem conflitos sangrentos entre o partido da direita e os comunistas. Com a renúncia de Jânio, assume a presidência João Goulart, defensor de idéias esquerdistas. Lacerda coloca-se, então, a favor de um golpe militar, desejando expulsar os comunistas do poder, e em 1964, assina um pacto de apoio às forças golpistas.

Nesse clima de agitação que aflige o país, os jornais da época denunciam uma quadrilha chamada “Esquadrão da Morte”, composta por soldados-bandidos, e conhecida por exterminar mendigos na cidade, afogando-os no Rio da Guarda (Britto, 2001:350). Esses mendigos, tratados como cães e completamente marginalizados pela sociedade, acham-se enredados por uma malha de injustiça social atroz, que teria de mexer com a sensibilidade e a imaginação de Bishop.

Observando os manuscritos do poema, percebemos que a crítica social registrada nas primeiras versões é incisiva, mas a cada rascunho, essas imagens se vão arrefecendo, tornando-se mais suaves, sutis e menos agressivas. Além de ser normalmente reticente no seu texto publicado, pois não gostava de contaminá-lo com as próprias emoções, Bishop talvez não quisesse expor-se publicamente.

Fazendo um cotejo desses rascunhos, percebemos que as imagens geradoras do poema - aquelas que Peirce identificaria na categoria de primeiridade pela carga de sentimento que carregam, a ponto de causarem uma profunda impressão na mente – estariam associadas a todo um clima de mau estar dominante no

Rio de Janeiro, que Bishop busca sutilmente representar no título do poema. As sugestões do primeiro fragmento incluem:

*[Goodbye to Rio]*      *[Pink Dog]*  
*[Rio Blues]*      *[The Pink Dog]*

*Naked Dog*

Prevalecem, portanto, impressões de nostalgia, tristeza, nudez e desvalimento associadas à imagem central do poema; o título publicado, *Pink Dog*, aqui ainda não privilegiado por Bishop, já consta como uma das opções para Bishop. Ao focalizarmos esse momento em que a autora busca definir o título dos seus versos, além de transitarmos pela categoria peirceana de primeiridade, a qual estaria associada às impressões fortes que incidem sobre a mente de Bishop, também se insinua a presença de uma segunda categoria; esta segunda remete não apenas à luta da autora com as palavras, buscando uma alternativa melhor para expressar o que sente, mas também, sugere o seu conflito com a dura realidade brasileira, que ela não consegue aceitar.

Trata-se de um cenário em que o único elemento que apraz o olhar da poeta é o céu azul, um azul tão especial que ela, vinda de um outro hemisfério muito mais frio e de natureza não tão pródiga como a nossa, não pôde deixar de celebrar. A abertura do poema realça esse céu, que aparece, repetidamente, nos manuscritos, embora aqui e ali ele se alterne com uma outra alternativa, a imagem de um mar azul. Entretanto, mesmo um azul tão belo tem como contrapartida o sol forte, insuportável do meio dia, que faz todo o povo suar em abundância. E o contraponto da nudez dessa cadela rosada, trotando pela avenida e que atrai tanto a atenção da poeta, é uma praia toda enfeitada de guarda-sóis coloridos, que já no primeiro fragmento do poema se lê: *Umbrellas clothe the beach in every hue./ Naked, you trot across the avenue.*

Pode-se constatar claramente no segundo fragmento, que Bishop defronta-se, de fato, com um país que lhe atrai e ao mesmo tempo lhe parece extremamente desagradável. Qualifica-o como repugnante, mas também, adorável.

*The nasty    lovely*  
*continent*

**1º Fragmento**

**Versão I**

**Versão IV**

*[The sun was hot, the sky was blue]*  
*(...) [At noon, the sun is <[il]>,]*  
*the sky is blue]*

*[The sun is blazing and*  
*the sea is blue] (...)*  
*The sun is blazing and*  
*the sky is blue*

*The sun is blazing and*  
*the sky is blue*

**2. A força da visualidade na poesia de Bishop**

Sendo Elizabeth Bishop uma escritora, mas também pintora, a plasticidade de sua poesia não passa despercebida. Dá muita ênfase à questão do olhar e abusa dos verbos associados à visualidade, cuja gradação sabe articular habilmente. Na versão I, a voz poética faz menção a uma cadela que vê na avenida: não tem pêlo nenhum e os transeuntes perplexos dão um passo atrás para olhar. Visivelmente, percebe-se uma passagem da primeira para a segunda percepção peirceana, quando o verbo ‘**ver**’/never have I *seen* a dog so bare/ (grifo meu) da segunda estrofe é seguido por ‘**olhar fixamente**’/startled, the passersby draw back and *stare*/ (grifo meu), sendo o primeiro verbo mais espontâneo, fugaz e involuntário (atitude típica da primeiridade), enquanto o segundo é intencional, mais duradouro e expressa a atitude de alguém tentando entender algo, num embate com o fenômeno percebido. Na versão I, lê-se:

### Versão I

*Naked and pink, without a single hair...*  
 ^ Oh, never have I **seen** a dog so bare!  
 ^ [Some people on the sidewalk stop and stare]. >>Startled, the passersby draw back & **stare**>> {grifo meu)

E como que usando uma aquarela de palavras-cores, buscando dar forma e pintar a sua cadela rosada, Bishop vai testando matizes diversos. Ajusta adjetivos e toda a sorte de adereços, que deseja emprestar-lhe. Àquela cadela, que no primeiro rascunho ora aparece rosada, ora cinzenta; ou com grandes manchas azuis pelo corpo, que aliás, não vingarão até a publicação do poema; ou ainda, com tetas caídas, típicas de quem está amamentando os filhotes.

Assim, brincando com as palavras, a sua matéria prima, Bishop aumenta, diminui, puxa, encolhe, deleta, acresce e justapõe versos, que são recortes de uma realidade, que se lhe impõe aos sentidos para ser percebida. Convém observar que a autora é tão orientada visualmente, que até na hora de buscar certas rimas que parecem lhe escapar a princípio, ela diagrama na margem direita dos versos uma série de sinais indicando tempos longos e breves; ou dispõe uma lista de adjetivos em colunas, para dali selecionar os que deseja utilizar. De fato, embora Bishop muitas vezes saiba que tipo de verso e que ritmo deseja, falta-lhe uma ou outra palavra para fechar determinada estrofe, e é diagramando na margem dos seus rascunhos, que busca as melhores soluções.

### 1º Fragmento

*A gray – pink dog*  
 A [pink] <pink> dog, pink-gray, with [huge] <big> (blue spots) <spots>  
 With [flying] <hanging> teats.  
 [il]  
 [il] gray-pink) (nits)  
 with puppies [il] - from the [il] teats-  
 <flying>

(...) depilated dog [teats]  
 teats  
 nits

shits [the city is a depilated dog]

A analogia entre um cachorro sarnento e uma cidade doente – aludindo, assim, às feridas sociais, políticas, econômicas do Rio de Janeiro na década de 60- fica bem clara no primeiro fragmento, através da metáfora que é aí explicitada. Lê-se: *the city is a depilated dog/ a cidade é um cão sem pêlo*. Esta figura de linguagem, que é um ícone de primeiridade em termos peirceanos e que não sobreviverá até a versão final de *Pink Dog*, guarda a imagem geradora do poema e irradia toda a carga de crítica social da autora.

O título deste trabalho, *A Síndrome da Cadela Rosada*, parece em sintonia com um certo jogo de forças conflitivas, que teria inspirado Bishop a escrever o poema. De acordo com o dicionário Aurélio, o termo pode ter, dentre outros, os seguintes sentidos:

Estado mórbido caracterizado por um conjunto de sinais e sintomas, e que pode ser produzido por mais de uma causa.

Conjunto de características ou de sinais associados a uma condição crítica, suscetíveis de despertar reações de temor e insegurança (Aurélio 2001:versão computador).

Esse estado de morbidez na cadela vem associada à sarna, uma doença que ataca a pele e tem a ver com falta de higiene, imundice, nojo. Remete, em última instância, à situação da cidade do Rio de Janeiro no início dos anos sessenta, quando ali campeavam soltas a mendicância, a violência, a delinquência, a criminalidade, enfim, todo um quadro de morbidez social.

A construção da imagem desse animal repulsivo, que ocupa fartamente as páginas dos manuscritos, vem acompanhada, desde o primeiro rascunho, de uma leve menção ao episódio dos mendigos atirados ao Rio da Guarda. Mas a síntese argumentativa, que aproxima o destino da cadela ao dos mendigos, embora sugerida sucintamente no fim do segundo fragmento, só aparece explicitamente na abertura do terceiro; nesse momento, a voz poética reflete sobre o tratamento bárbaro que era dado a seres humanos e conjectura sobre o que fariam, então, com um pobre animal doente? Se assassinavam os mendigos, os parasitas, nos subúrbios sem luz do Rio, provavelmente que uma cadela teria um fim igual ou pior do que aquele.

### 1º Fragmento

*I hear they're [drowning]  
[<drowning>] <throwing>  
beggars  
They're murdering the [il]  
beggars*

### 2º Fragmento

*Do you hear-it's been in all the papers  
[The <desperate>] police are murdering  
beggars?  
<<dirty><< They take them out & throw  
them in the rivers  
[il] [parasites]  
at nights [il]  
out in the suburbs where there are  
no lights-  
[il] they consider <consider> parasites- legs  
[il] \_\_\_\_\_ legs  
<with [il] legs, or no legs?>  
a [il]><and to do>  
what will they [do to] you, [a] dogs?*

### 3º Fragmento

*be careful, the pobre  
[il] <il> monthly are murdering  
beggars  
They [il] [the] pick most  
beggars & throw them in the  
rivers  
if they do this >> beggars  
beggars men& women  
what will they do with you, a  
[single] bitch? [il]  
beggar [dog]?  
animal?  
parasites  
night  
and in suburbs, where there are*

### 3. Uma questão de visibilidade

A cadela rosada, ícone de uma cidade doente, é referida no poema como *bitch*, palavra que designa em inglês não apenas o feminino de cão, mas também, prostituta. A ambivalência semântica do termo remete, mais uma vez, a questões de gênero, ao papel da mulher numa poética em que a inscrição da identidade feminina encontra-se contaminada por todo um discurso discriminatório. Portanto, a autora Elizabeth Bishop não denuncia apenas uma tragédia social, mas no seu bojo, vem implicada toda a questão da marginalização feminina; a figura da mulher, signo circunscrito tradicionalmente a espaços privados numa sociedade patriarcal, que se perde quando transita pelo espaço público. Passa, então, de santa à prostituta, merecendo como tal ser desprezada, repudiada.

Qual seria a “solução” proposta pela voz poética para semelhante impasse? Uma máscara, talvez, pudesse servir de paliativo. Já que o contexto da tragédia é o Rio de Janeiro na época do Carnaval, quem sabe, aquele trapo ambulante pudesse cobrir-se com uma fantasia e usar máscara para se compor. Para tornar-se invisível a possíveis agressores, que quisessem atacá-la de tocaia.

#### Fragmento 1

[il], poor depilated dog, [il]  
[get dressed,]  
[go get gressed &] [il]  
(...)  
Carnival is [il] wonderful-  
[il] <a> depilated dog will not  
look well-  
Get dressed! Get dressed! [&]  
<to> dance at Carnival!  
[They've sung- Carnival is  
always wonderful  
A depilated dog will not look  
well.  
Get dressed! Get dressed! To  
Dance at Carnival!]  
Aren't you ashamed? Ashamed?  
out suburbs is degenerating-  
masca rr [il] to look at you  
(...)  
Carnival is always wonderful!  
A depilated dog will not look well.  
Get dressed! Get dressed! to  
Dance at Carnival!

#### Versão I

(...) Get dressed! Get dressed!  
and dance at Carnival!  
(...)  
Where are your clothes  
\_\_\_\_\_  
Where are your clothes,-  
...where is your fantasia?

#### Versal III

(...)  
Solution is to wear a  
[fanta] fantasia \*  
▼  
▼  
\* Carnival costume

Como se pode constatar, Bishop ao escrever o poema vai tentando chegar a uma solução, que equacione o problema apresentado; uma solução estética que, pelo menos

a nível poético, tudo resolva. Na verdade, dentro da fenomenologia da percepção peirceana, observamos que o processo de criação tende para um fim, para uma terceiridade, uma síntese que se vai construindo através dos manuscritos; pelo menos, a nível provisório, o impasse se resolve dentro do projeto poético do criador, no momento em que decide publicar o seu texto. E Bishop consegue, finalmente, chegar a uma síntese desse percurso poético, iniciado em 1959, data dos primeiros rascunhos do poema, só publicado em 79, vinte anos depois. Além disso, no bojo dessa síntese, está embutida uma outra síntese, na medida em que a voz poética chega em *Pink Dog* a uma “solução prática” para aquela fêmea enjeitada: cobrir-se para não ser vista, mas perpetuando, infelizmente, a condição feminina de marginalização, de invisibilidade da mulher. Uma condição que Bishop privilegia no seu projeto poético.

## REFLEXÕES FINAIS

O projeto poético de Bishop denuncia vozes e narrativas consideradas dissonantes pelo poder social vigente. Aponta situações traumáticas de uma história pessoal, que é também coletiva. E é através do seu texto poético, espaço privilegiado do enunciado e onde se articula toda uma rede de significados culturais, que a autora fala de invisibilidade e articula o seu sinal de alerta frente a uma luta política desigual, injusta, repulsiva. Uma ferida que a *cadela rosada* problematiza e iconiza com toda a força de uma imagem poética que quer se fazer presente, quando o Outro prefere que esteja ausente. Que deseja fazer-se visível quando a estrutura hegemônica quer torná-la invisível. É tecendo essa malha semiótica, rica em imagens memoráveis, que Elizabeth Bishop atinge a sua síntese poética e faz sua inserção numa cultura que teve o privilégio de compartilhar durante o longo período que passou entre nós.

**NOTAS:** Código de transcrição: [ ] eliminação; < > acréscimo; [il] ilegível; >> acréscimo para margem direita; << acréscimo para a esquerda; ^ trecho removido para área anterior; v trecho removido para área posterior; { } comentários do pesquisador.

## BIBLIOGRAFIA

BISHOP, Elizabeth. *Notes and notebooks of drafts, dreams and other observations*. Elizabeth Bishop Collection, Vassar College, Poughkeepsie, N. York. 1959, Box 73.3.

\_\_\_\_\_. *Drafts of published poetry*. Elizabeth Bishop Collection, Vassar College, Poughkeepsie, N. York. 1979, Box 60.6.

BRITTO, Paulo Henriques. *Elizabeth Bishop. O Iceberg Imaginário e outros poemas*. Seleção, tradução e estudo crítico. S. Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VALENTE, Nelson & BROSSO, Rubens. *Elementos de Semiótica. Comunicação verbal e alfabeto visual*. S. Paulo: Panorama, 1999.